

TUXAUA

SECRETARIA DE FORMAÇÃO

02 de setembro de 2016 | Número 017

BOLETIM informativo



FETEC **CUT**
Centro Norte

'Os pacotes do Temer alimentarão a esquerda brasileira e ela voltará ao poder'. Entrevista especial com Rudá Ricci

Patrícia Fachin

Após o afastamento definitivo da presidente **Dilma Rousseff** da Presidência da República, com o encerramento do processo de impeachment no Senado, por 61 votos a 20, a questão a ser respondida é: "O que deixará marcas na história do Brasil?", diz **Rudá Ricci** à **IHU On-Line**, na entrevista a seguir, concedida por telefone na tarde de ontem, 31-08-2016.

Para ele, três são as marcas que ficarão na história política do país: a transformação do **PT** em um "partido tão conservador quanto qualquer outro", a perda de "legitimidade" junto ao seu eleitorado", e a "não concordância" da sociedade "com esse estratagemas" de "troca de poder", onde sai a presidente eleita e entram "os derrotados da eleição de 2014". Na entrevista a seguir, **Ricci** comenta o esvaziamento das ruas na última semana e atribui o fato ao próprio **PT**, que "não fez nenhum esforço real de organizar manifestações **pro-Dilma**, porque nos bastidores muitos dizem que era melhor a Dilma sair como vítima – e hoje a votação foi perfeita nesse sentido para o PT. (...) Eles diziam que seria muito importante ela sair como vítima porque se ela voltasse teria um governo interdito, não conseguiria governar e isso acabaria transbordando sobre a legitimidade do PT". **Dilma**, avalia o sociólogo, já "está muito mais para o trabalho do que para o PT neste momento e tenho a impressão de que o PT também quer isso".

Apesar da queda da presidente **Dilma** e do descrédito em relação ao **PT** daqui para frente, "é a esquerda mais radical que cresce", pondera **Ricci**, ao comentar rapidamente o desempenho do **PSOL** nas campanhas municipais em alguns estados do país. Esses dados, frisa, não indicam "pouca coisa" e "não dá para dizer que a esquerda está frágil", embora o que tende a "criar um vigor popular e de esquerda serão os movimentos sociais e não os partidos".

Segundo ele, "a partir de agora a esquerda, possivelmente, terá uma constelação de partidos, o **PCdoB**, provavelmente, vai disputar em muitos locais a base do PT e os movimentos sociais é que, supostamente, serão o cimento de um novo projeto popular e de esquerda no Brasil, principalmente o MTST, dirigido pelo Guilherme Boulos". Apesar dessa diversidade e do fim de um partido de massa como foi o PT, isso não significa que a esquerda "será mais fragmentada". "Nós agora, em função, inclusive do lulismo, temos organizações, partidos e movimentos que têm agendas próprias e isso não significa que tenhamos uma esquerda fragmentada; isso significa que a esquerda será somatória. Posso te garantir que está tendo muita reunião na periferia, entre a esquerda, para fazer esse acordo, mas neste momento, sem o PT", conclui.

Rudá Ricci é graduado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, mestre em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp e doutor em Ciências Sociais pela mesma instituição. É diretor geral do Instituto Cultiva, professor do curso de mestrado em Direito e Desenvolvimento Sustentável da Escola Superior Dom Helder Câmara e colunista político da Band News. É autor de **Terra de Ninguém** (Ed. Unicamp), **Dicionário da Gestão Democrática** (Ed. Autêntica), **Lulismo** (Fundação Astrojildo Pereira/Contraponto), coautor de **A Participação em São Paulo** (Ed. Unesp), entre outros.

Confira a entrevista

IHU On-Line - Qual é o significado político do impeachment da presidente Dilma? O que este momento significa para a história política do Brasil?

Rudá Ricci – Em primeiro lugar é uma troca do bloco que está no poder e é a entrada dos derrotados da eleição de 2014 no governo. Isso configura uma lacuna jurídica no Brasil – portanto não é uma ilegalidade, mas um equívoco histórico que conspira com a vontade popular. Ou seja, uma coisa é a presidente ser julgada e afastada e outra é o vice-presidente trazer para dentro do governo os perdedores da última eleição. Essa lacuna jurídica, que é um erro democrático, cria uma novidade política no país.

Marcas na história política

Esta é a verdadeira questão: o que deixará marcas na história do Brasil? O que deixará marcas, em primeiro lugar, é que um partido que se propõe à mudança, como é o caso do PT, na medida em que cede a acordos para manter a governabilidade com segmentos sociais que são conservadores e não querem a mudança, acaba se confundindo com o conservadorismo. O PT se transmutou nesses anos e passou de um partido da mudança para um partido tão conservador quanto qualquer outro. Isso fez com que o PT perdesse a legitimidade junto ao seu eleitorado – essa é a segunda lição.

A terceira lição é saber se a população brasileira, apesar de estar em silêncio, corrobora com esse estratagemas. Ao que tudo indica, não, porque Temer continua com menos de 10% de popularidade e, portanto, é um governo impopular, frágil, fraco e que vem tomando medidas radicais. Se a eleição fosse hoje, ele cairia. O **PSDB**, que o apoia, também está perdendo popularidade acelerada, segundo o Data Folha e o Ibope. Se a eleição fosse hoje, Lula seria reeleito e isso diz alguma coisa. A população é contra Dilma, contra o PT, mas não é contra o Lula. Esse é o paradoxo. Ressurgimento do **PSOL**.

Outro dado interessante é que nas grandes capitais o **PSOL** cresce, ou seja, é a esquerda mais radical que cresce: o **PSOL** está em segundo lugar no Rio de Janeiro, em terceiro lugar em São Paulo e em primeiro lugar em Porto Alegre e em Belém do Pará. Isso fala algo para o Brasil: como estamos num país rico, mas temos um índice de desigualdade abaixo da média da América Latina, a grande maioria da população é pobre e pobre não vota em projeto neoliberal; vota em um Estado que melhore a vida dele. Esse é o paradoxo.

IHU On-Line - Nesta semana em que se concluiu o rito do impeachment, não ocorreram grandes manifestações de rua pró e contra o impeachment, como se observou há alguns meses. A que atribui esse esvaziamento nas ruas e como o interpreta? Onde estavam "as ruas" nesta semana?

Rudá Ricci – Atribuo isso ao governo do PT, que esvaziou as ruas, porque o lulismo fragmentou as organizações populares em vários acordos e espaços corporativos de negociação. Os governos do PT não aumentaram o poder dos conselhos de gestão pública – fizeram várias reuniões, mas nenhuma delas mudou a legislação. Também não houve nenhum mecanismo de controle social sobre o governo. Os ministros da Educação da era PT não tinham unidade: a proposta do Cristovam Buarque era completamente diferente da do Tarso Genro, que era diferente da do Haddad, e assim por diante, e as propostas nunca convergiram para aumentar a educação para a cidadania, para discutir valores solidários. Eles ficaram apostando no sucesso individual.

O que estou querendo dizer? Que estamos tratando de um governo de conciliação de interesses, como foi o de Getúlio. E o governo de Getúlio resultou em suicídio.

E a política lulista resultou em suicídio político, ou seja, afastaram-se da base política.

IHU On-Line - Alguns petistas cogitaram iniciar uma mobilização pedindo eleições "Diretas Já" depois do resultado do impeachment. Como avalia esse tipo de proposta?

Rudá Ricci – O PT não tem legitimidade nenhuma para mobilizar a população; basta ir à periferia dos grandes centros para ver o que a população está falando do PT. Em primeiro lugar a população está dizendo que o PT, juntamente com a Dilma, traiu o voto popular ao baixar, em janeiro de 2015, o pacote que gerou desemprego e cortou recursos da educação. Em segundo lugar, ainda que minoritário, os jovens que participaram de junho de 2013 dizem que o PT e o governo Dilma treinaram policiais para "pegar" os manifestantes de 2013 em 2014, durante a Copa do Mundo.

Nos finais de semana, estou participando de reuniões nas periferias das capitais e, no último final de semana, estive com 300 lideranças da periferia da zona Leste de São Paulo. O que elas dizem é que os deputados do PT deixaram de ir para a base. Ora, o PT deixou há muito tempo de estar nas ruas e agora fica fazendo uma bravata.

Está na hora de o PT fazer um mea-culpa público por ter trazido para o centro do governo esses que hoje pedem o impeachment, como o Sarney, que estava praticamente destruído politicamente, assim como Collor, Renan e todos os outros. Lula recentemente fez acordo com Rodrigo Maia para que ele fosse eleito presidente da Câmara. Então, com qual direito os petistas vêm falar que vão mobilizar as ruas? Eles não têm condições de mobilizar alguém se não falarem por quem querem mobilizar as pessoas agora. Quem está mobilizando são os movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto - MTST, os movimentos identitários. O mais correto neste momento é o PT admitir seus profundos erros políticos, para então poder falar em nome da população.

IHU On-Line - Nesses encontros com as lideranças das periferias, conseguiu identificar qual é o posicionamento político delas?

Rudá Ricci – Em primeiro lugar há uma ojeriza ao governo Temer. Há muito tempo eu não via tanta possibilidade de fazer análise de conjuntura. No sábado eu participei de uma reunião em Suzano, em São Paulo, e várias lideranças estavam discutindo a PEC 241, ou seja, discutindo os cortes nas políticas sociais. E isso tem acontecido em vários locais. O que estou dizendo é que não se tem apoio nenhum ao governo Temer, mas é verdade que não há mais apoio ao PT também em função do governo Dilma Rousseff. Não se vai à rua defender Dilma porque a interpretação é de que ela traiu o projeto de melhoria de vida dos pobres. Essa dicotomia petista de que se é contra Temer e a favor do PT, somente os petistas fazem.

IHU On-Line - Como deve ficar a relação entre Dilma e PT daqui para frente? Alguns dizem que o partido quer se distanciar da imagem da presidente. Concorda?



Rudá Ricci – Primeiro, Lula e o PT já tinham se distanciado da Dilma há muito tempo, porque em junho do ano passado já se falava no afastamento dela através de uma licença. Eu estive com parte da direção do PT e apoiadores de Lula e havia uma discussão muito clara sobre isso. Quem salvou o mandato da Dilma naquele momento foi o Renan Calheiros, quando à época apresentou a Agenda Brasil, que era o projeto da Fiesp, o qual o Temer está executando. É importante não mascarar a realidade e o que acontecia.

IHU On-Line - Como deve ficar a relação entre Dilma e PT daqui para frente? Alguns dizem que o partido quer se distanciar da imagem da presidente. Concorda?

Rudá Ricci – Primeiro, Lula e o PT já tinham se distanciado da Dilma há muito tempo, porque em junho do ano passado já se falava no afastamento dela através de uma licença. Eu estive com parte da direção do PT e apoiadores de Lula e havia uma discussão muito clara sobre isso. Quem salvou o mandato da Dilma naquele momento foi o Renan Calheiros, quando à época apresentou a Agenda Brasil, que era o projeto da Fiesp, o qual o Temer está executando. É importante não mascarar a realidade e o que acontecia.

Maquiavelismo

O PT não fez nenhum esforço real de fazer manifestações pró-Dilma, porque nos bastidores muitos dizem que era melhor a Dilma sair como vítima – e hoje a votação foi perfeita nesse sentido para o PT, porque Dilma continua com os direitos políticos, embora afastada. Eles diziam que seria muito importante ela sair como vítima porque se ela voltasse teria um governo interdito, não conseguiria governar e isso acabaria transbordando sobre a legitimidade do PT. Como a direção do PT tem certeza do desgaste do governo Temer, esse desgaste, em 2017, poderá conduzir o PT, ou o bloco em que o PT estiver, novamente ao poder. Se não for Lula, o bloco será Ciro Gomes. Há um maquiavelismo nessas manifestações pró-Dilma que eram *pro forma* para o PT e que deixam claro qual é a relação do partido com a Dilma. A verdade, para complementar, é que os trabalhistas históricos, gaúchos e cariocas, vêm falando grosso. Há muito tempo eu não via esse grupo falar tão grosso, como é o caso do ex-marido da Dilma, mas não só ele, porque os brizolistas estão falando que o PT é covarde e que eles, sim, defendem até o fim a honra de uma luta popular – que é o discurso do Brizola e do Getúlio. O ex-marido da Dilma acabou de conceder uma entrevista pública nesse sentido, a qual demonstra que a Dilma, de certa maneira, volta às suas origens na vida madura da sua carreira política. Ela está muito mais para o trabalhismo do que para o PT neste momento e tenho a impressão de que o PT também quer isso.

IHU On-Line - Como fica a situação política do PT pós-impeachment? Acredita num possível retorno em 2018?

Rudá Ricci – Lula é maior do que o PT e se houvesse eleições hoje, ele seria o primeiro colocado no primeiro turno. O PSOL cresceu, é o primeiro colocado em Porto Alegre, é o segundo no Rio de Janeiro, a Luiza Erundina está alcançando a Marta Suplicy em São Paulo, ou seja, não é pouca coisa e não dá para dizer que a esquerda está frágil.

De qualquer maneira, em função da contaminação do sistema partidário, considerando que só 5% da população acredita nos partidos, entendo que o que vai criar um vigor popular e de esquerda serão os movimentos sociais, e não os partidos. Acredito que os partidos de esquerda, a partir de agora, serão fragmentados em várias linhas. Nós já temos uma profusão de novos partidos muito importantes: o PSOL, na esquerda, é o mais importante neste momento, mas há também o Partido Frente Favela Brasil, organizado há poucas semanas no país inteiro, que é um partido de negros e favelados; tem o #partida criado pela Márcia Tiburi e as feministas; tem ainda o Raiz Movimento Cidadanista, que é o partido da Erundina – ela só está no PSOL porque o outro partido ainda não foi legalizado, mas já está criado; e o PT, isto é, se o PT fizer um mea-culpa, porque a tendência, em primeiro lugar, é o PT se esvaziar, se tornar um partido médio pelos erros que cometeu. Como o PT, hoje, é um partido cartel, que é um conceito recente da ciência política, que significa um partido que depende absolutamente do Estado para sobreviver, ou para que seus quadros sejam profissionalizados ou para alimentar sua base eleitoral. Então, como o PT se tornou, nos últimos anos, um partido cartel, na medida em que ele não está mais no governo federal, a tendência é que seus prefeitos e muitos dos seus deputados e parlamentares saiam do PT e ele se torne um partido médio. O que eu estou querendo dizer é que a partir de agora a esquerda, possivelmente, terá uma constelação de partidos, o PCdoB, provavelmente, vai disputar em muitos locais a base do PT, e os movimentos sociais é que, supostamente, serão o cimento de um novo projeto popular e de esquerda no Brasil, principalmente o MTST, dirigido pelo Guilherme Boulos.

IHU On-Line – Por que considera que o ex-presidente Lula está tão acima do PT a ponto de ser reeleito em 2018, apesar de um possível esvaziamento do partido? O impeachment não deve arranhar a imagem política dele?

Rudá Ricci – Sim, mas vamos entender o seguinte: a maioria da população é pobre e é por isso que Marina e Lula aparecem em primeiro lugar nas pesquisas, não exatamente porque eles são de esquerda, mas porque eles têm cara de pobre. Alckmin, Aécio e Ciro Gomes não têm cara de pobre e esse pessoal não está em primeiro lugar. Bolsonaro não tem cara de pobre. O brasileiro médio, eleitor que elege o presidente, é pobre, é negro, é mulato, tem a cara marcada com sulco; esse é o trabalhador que comeu mal na vida e ele se identifica com o operário, com o trabalhador e com a mulher evangélica, que tem cara de coitada. É isso que precisamos entender e temos que parar de fazer grandes teorias quando o óbvio está na nossa cara..

Classe média não elege presidente no Brasil, acabou essa história do conceito de formador de opinião norte-americano de que o que a classe média faz, o trabalhador empregado também faz; não é verdade. Há muitos estudos, a começar pelos do Guilherme Velho, que vêm mostrando como o pobre se desvincilhou da apropriação da classe média. O Lula, além de tudo, foi o único presidente, junto com Getúlio Vargas, que criou políticas nacionais de apoio aos pobres. Eu não estou falando que foi uma política de esquerda, estou falando que foi uma política de apoio aos pobres.

O Bolsa Família, o aumento real do salário mínimo e o crédito popular mudaram o país. Foi uma tutela como a de Getúlio? Foi. Mas, para o pobre, que acha que a política é coisa da elite – sempre achou –, o Lula é um diferencial. Portanto, claro que terá a imagem arranhada, mas ele é o mais popular. Por ser do PT, ele vai se arranhar, mas continuará muito superior a qualquer outro governo depois do regime militar. Ele se aproxima do que Getúlio fez. Lembrem-se: Getúlio foi deposto, foi para sua fazenda no Rio Grande do Sul e voltou presidente da República. Então, nós precisamos entender o poder desse tipo de política, que não é grande coisa, mas é alguma coisa para o pobre na hora do voto popular. Eu sugiro, inclusive, que as pessoas leiam dois livros: um sobre as favelas, que foi escrito por Celso Athayde e Renato Meirelles, intitulado Um país chamado favela (Editora Gente, 2014), e outro escrito por Alessandro Pinzani e Walquíria Leão Rego, professora da Unicamp, que se chama Vozes do Bolsa Família (Editora Unesp, 2014), para conhecer como pobre pensa e vota; é muito impressionante. Está na hora de parar de pensar o país via partido, porque os partidos não são considerados pela maioria da população no Brasil, e começar a compreender que pobre só vota com vontade quando aquela pessoa que é candidata fez alguma coisa por ele, fora disso não vota mesmo.

IHU On-Line – O senhor tem chamado atenção para a ascensão do PSOL e o surgimento de outros partidos de esquerda no país. Como a esquerda se reposicionará depois do impeachment? Ela será mais fragmentada?

Rudá Ricci – Não, não é que ela será mais fragmentada, mas não vai mais existir um partido de massa como o PT. Na história mundial, só em momentos muito importantes ou específicos – como foi o fim da ditadura – que se consegue juntar intelectuais da esquerda com movimentos da igreja cristã, com movimentos sociais em um partido só, como foi o caso do PT. Nós agora, em função inclusive do lulismo, temos organizações, partidos e movimentos que têm agendas próprias e isso não significa que tenhamos uma esquerda fragmentada; isso significa que a esquerda será somatória. Posso te garantir que está tendo muita reunião na periferia, entre a esquerda, para fazer esse acordo, mas neste momento, sem o PT.

IHU On-Line – Mas a esquerda terá o mesmo peso político?

Rudá Ricci – Sim, eu tenho certeza; é uma questão de tempo. Os pacotes do Temer alimentarão a esquerda brasileira e ela voltará ao poder; pode ter certeza disso. Em um país rico, com alta desigualdade, a direita e gente como do PSDB e PMDB não têm propostas para a maioria, eles têm propostas para a elite e perderão a eleição mais uma vez, como sempre.

IHU On-Line - Partidos como PMDB e PSDB também podem se esvaziar?

Rudá Ricci – Eles estão fadados à derrota e hoje já estão derrotados. O PSDB e o PMDB são a chapa da elite derrotada desde sempre, acabou. Por isso acho que o PSDB deve sair do governo Temer, porque é um barco furado, é questão de tempo, um ano.

IHU On-Line - Que perspectivas políticas vislumbra para o Brasil daqui para frente? O que significaria “olhar para frente” neste momento e pensar o futuro?

Rudá Ricci – No caso do Temer, é hora de olhar para trás. A agenda dele é de 1990, totalmente atrasada, típica de uma pessoa que não tem projeto de país. Ele afundará o país e os pobres; será uma desgraça. Este ano, possivelmente, ainda terá um pouco de paz, e em 2017 será um caos no Brasil, porque ele tentará cortar, mais ou menos, 50% do orçamento social, o que representa 30% do orçamento brasileiro. Isso é típico de uma elite insensível e cruel, que só pensa na aliança com o alto empresariado, que é o pior do mundo. O empresariado brasileiro é o pior do mundo; ele que financiou, principalmente, o Eduardo Cunha, e é isso que não se fala, pois o baixo clero e o Eduardo Cunha foram financiados pelo alto empresariado - o Cunha não tinha dinheiro sozinho. Então, é essa elite que governará com Temer, e será ótimo porque, agora, como diz o professor Ricardo Antunes, da Unicamp, o Temer inaugurou uma luta de classes aberta no Brasil. O Lula tentou fazer a conciliação de interesses, como Getúlio. O empresariado negou. Ele quer luta e terá.

<http://www.ihu.unisinos.br/559580-qual-sera-o-reposicionamento-politico-da-esquerda-brasileira-pos-impeachment-entrevista-especial-com-ruda-ricci>



O golpe está apenas começando

Gulherme Boulos*

O Senado Federal consumou nesta quarta (31) o golpe contra o mandato da presidenta Dilma Rousseff: 61 votos senatoriais cassaram, numa eleição indireta, 54 milhões de votos populares. Mas isso é somente o prenúncio do que está por vir. O golpe, na verdade, está apenas começando.

Michel Temer, ainda como interino, já recebeu os primeiros avisos do mercado de que o prazo para apresentar "medidas consistentes" em defesa de seus interesses é o fim deste ano. A banca cobra a fatura. Afinal, quem mais poderia fazê-lo? Temer não foi eleito e, ao que tudo indica, não pretende disputar reeleição. Não precisa, pois, prestar contas a ninguém na sociedade a não ser àqueles que sustentaram a manobra que o levou do Jaburu ao Planalto.

Quanto ao parlamento, a questão se resolve com a distribuição de cargos, em grande medida já efetuada. Cunha é um caso à parte e é de se esperar uma atuação decidida de Temer para abrandar sua pena e evitar a prisão. A grande fatura é mesmo devida à elite empresarial e financeira, que deu inequívoco suporte ao impeachment, e exige em troca um pacote de reformas regressivas, um verdadeiro golpe aos direitos sociais e trabalhistas.

As medidas antipopulares estão organizadas em três grandes frentes. Primeiro, um golpe contra a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). Eliseu Padilha já deu a senha de como será, aliás ao melhor estilo peemedebista. Para destruir a CLT não é preciso revogá-la, basta torná-la sem efeito. É o que se pretende apoiando a aprovação de alguns projetos que já tramitam no Congresso Nacional: o PLC 30, que autoriza a universalização dos contratos precários ao permitir a terceirização das atividades-fim; o PL 4193, que autoriza a prevalência do negociado sobre o legislado; e o PL 427, que institui a negociação individual entre empregado e empregador, fragilizando a negociação coletiva.

Ora, a aprovação desses projetos representa o velório dos direitos trabalhistas no Brasil, porque mesmo com a CLT em vigência, ela deixa de ser obrigatória para as relações de trabalho, perdendo na prática qualquer efetividade. Neste ponto é importante ressaltar que nem a ditadura militar, ao longo de seus vinte anos sombrios, ousou destruir a CLT. Temer pretende fazê-lo em dois anos.

Segundo, um golpe contra a previdência social. A reforma que querem aprovar ainda em 2016 é de uma perversidade que faz lembrar o ex-ministro das finanças japonês, Taro Aso, que chocou o mundo ao dizer que os idosos deveriam "se apressar e morrer" para poupar gastos públicos com saúde e previdência.

As principais medidas são o estabelecimento de uma idade mínima de 65 anos, voltada contra os trabalhadores mais pobres e vulneráveis, já que são eles que começam a trabalhar mais cedo; a equiparação de idade entre homens e mulheres, ignorando a dupla jornada doméstica feminina, ainda regra no país; o fim do regime especial de aposentadoria rural; e a desvinculação dos reajustes do salário mínimo com a aposentadoria, arrojando ainda mais o ganho dos aposentados.

É desolador, mas não para por aí.

O terceiro grande golpe é contra a Constituição de 1988 e sua rede de proteção social. A PEC 241 pretende congelar o investimento público por vinte anos, atingindo especialmente os gastos com educação, saúde e programas sociais, além de atacar os servidores. Na prática, trata-se de constitucionalizar a política de austeridade, tornando-a obrigatória a qualquer governo, visando com isso ampliar superávits para o pagamento de juros da dívida pública.

Em prejuízo, é claro, dos serviços públicos. O SUS e a educação pública serão as grandes vítimas da PEC. Se o financiamento atual já é insuficiente, seu congelamento durante duas décadas tende a produzir um verdadeiro colapso. Junto a isso, os programas sociais tendem a ser sistematicamente reduzidos e levados à inanição.

A parceria de Temer com o atual Congresso representa uma "desconstituinte". Utilizarão a maioria de dois terços para revogar o que há de progressivo na Constituição de 88, produzindo um retrocesso que poderá afetar algumas gerações. Afinal, será preciso uma inédita maioria de dois terços ou a convocação uma nova Assembleia Constituinte para que os setores populares e de esquerda revertam estes ataques.

Por tudo isso, o dia de hoje não marca a conclusão de um golpe, mas seu início. O golpe contra a soberania do voto popular anuncia o golpe mais duro da história recente contra a maioria do povo brasileiro. Esta agenda não foi eleita e jamais o seria. Só pode ser aplicada com um cerceamento da democracia, pela anulação do voto popular.

Seria, contudo, acreditar em conto de fadas supor que um golpe desta dimensão passará sem resistência popular. A maioria do povo não foi às ruas até aqui —nem de um lado nem de outro— por acreditar que não era com eles. A massa viu o impeachment como uma briga entre os políticos. Quando começar a perceber o que de fato está em jogo, o cenário será outro. É difícil prever quando e como, mas da mesma forma que o golpe está apenas começando, a resistência também está.

*Formado em Filosofia pela USP, é membro da coordenação nacional do MTST e da frente de Resistência Urbana

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/quilhermehoulos/2016/08/1808926-o-golpe-esta-aindas-comecando.shtml>

Na hora do adeus, coragem de Dilma engrandece sua biografia

Mario Magalhães*

Quase no fim do interrogatório de 13 horas e 54 minutos, pertinho da meia-noite de 29 de agosto de 2016, Zézé Perrella disparou perguntas duras a Dilma Rousseff. A presidente constitucional poderia ter indagado se o senador tem viajado de helicóptero, mas se limitou a responder com objetividade ao interrogador.

Pouco antes, tinha sido a vez de Flexa Ribeiro.

A interrogada não mencionou a cana que ele amargara por ocasião da Operação Pororoca. Tratou dos assuntos que o tucano abordara.

Diante de velhos companheiros de refregas contra a ditadura, agora transformados em algozes, poderia ter cantarolado "quem te viu, quem te vê...".

E piscado para Chico Buarque, o compositor daqueles versos, que assistia no Senado à cerimônia do adeus.

Em vez da atitude catártica, que talvez fizesse bem para espanar um pouco da poeira da hipocrisia que assola o país, Dilma se conteve.

Nem por isso deixou de lutar. Peleou até o fim, na sessão em que começou a falar às 9h53, em seu discurso de 45 minutos, e pronunciou a última palavra às 23h47.

Consistente do cadafalso que a aguardava em algumas horas, na noite de hoje ou na madrugada de amanhã, a presidente poderia ter denunciado de longe o golpe de Estado e as cartas marcadas, sem comparecer à arena em que provavelmente a devorarão.

Preferiu encarar seus carrascos.

Tá pensando que é moleza?

Michel Temer, o missivista ressentido que conspirou com gente mais suja que pau de galinheiro para depor uma cidadã honesta, acovardou-se até de vaia no Maracanã. Fez forfait na cerimônia de encerramento da Olimpíada.

O senador Romero Jucá, desenvolto em armações pelo impeachment e pela impunidade, não interpelou Dilma. É ele o autor da frase-síntese "tem que mudar o governo pra poder estancar essa sangria".

Em vez da pusilanidade alheia, Dilma ofereceu coragem, aquela que a vida quer da gente, conforme o Guimarães Rosa apreciado por ela.

Seus melhores momentos foram ao defender a soberania do voto popular e a própria inocência. O impeachment está previsto em lei. Mas sem crime de responsabilidade do governante constitui golpe de Estado.

Os argumentos pró-deposição foram sendo respondidos com tamanha clareza que os opositores passaram a versar sobre temas estranhos ao processo —e olha que clareza não é o forte da presidente na iminência de ser deposta. Queriam debate eleitoral. A advogada Janaina Paschoal não elaborou uma só pergunta sobre o que poderia ser crime de responsabilidade. Preocupou-se com crescimento econômico de países latino-americanos.

Os piores de Dilma foi seu silêncio sobre o que não se pode silenciar. Mostrou combatividade ao proclamar a Petrobras e o pré-sal patrimônios nacionais. Calou, contudo, sobre a roubalheira na companhia. É certo que a gatunagem já existia nos anos Fernando Henrique Cardoso. Mas no mínimo se manteve e possivelmente se expandiu na era petista. A rejeição à liquidação do pré-sal e o combate escrupuloso à corrupção não são contraditórios. Combinam-se. Uma ação exige a outra.

A presidente não explicou, quem sabe o porvir explique, por que sacrificou os mais pobres no arrocho dito ajuste que se seguiu à eleição de 2014. Os gráficos que exibiu sobre a degradingolada do cenário econômico internacional impressionam. Mas a decisão de cobrar a conta daqueles que a elegeram permanece como mistério.

Nada disso configura crime de responsabilidade. Subsídio não é crédito, como outro dia ensinou o professor Luiz Gonzaga Belluzzo no plenário do Senado. Pedaladas fiscais são pretextos para expulsar quem colheu 54.501.118 votos.

Se governo desastroso, como o segundo mandato de Dilma, justificasse afastamento, os governadores Pezão-Dornelles deveriam ter recebido cartão vermelho muito antes.

Na democracia, presidente se elege na urna, e não no tapetão.

A presidente defendeu-se no processo e depois para a história.

A sessão de ontem, e não apenas o seu discurso, equivale a uma carta testamentária. Quer a mesma dramaticidade da carta de Getúlio Vargas em 1954 é desconsiderar que um era cadáver, saíra da vida e entrara na história. Dilma tem muita vida pela frente, embora também já seja história.

É preciso ser muito insensível ou cultivar o ódio para não perceber o contraste entre uma mulher batalhadora com altivez, concorde-se ou não com ela, e o novo governo que expurgou as mulheres do Ministério.

Entre a mulher que deu a cara para bater no Senado hostil e o sucessor sem voto que se esconde em meio às brumas da intriga.

Entre a mulher que dá nome aos bois, a comparecer por Eduardo Cunha, o patrono do impeachment, e quem trama para proteger o deputado correntista.

Beira a desonestidade intelectual fazer o balanço de ontem com base exclusivamente em votos mudados. O jogo já estava jogado. Nem por isso a presidente se acovardou.

Se a vida quer é coragem, a vida não pode reclamar de Dilma Rousseff.

*Formou-se em jornalismo na UFRJ. Trabalhou nos jornais "Folha de S. Paulo", "O Estado de S. Paulo", "O Globo" e "Tribuna da Imprensa". Recebeu 25 prêmios jornalísticos e literários. É autor da biografia "Marighella" (Companhia das Letras) e prepara livro sobre Carlos Lacerda (1914-1977)

<http://blogdomariomagalhaes.blogosfera.uol.com.br/2016/08/30/na-hora-do-adeus-coragem-de-dilma-engrandece-sua-biografia/>

Brasil regredir 52 anos em 5 minutos – O que nos aguarda?

Esse Brasil velho, arcaico, volta feroz, disfarçado de pós-moderno, com as redes sociais e as piadas racistas de Danilo Gentili.

Bajonas Teixeira de Brito Junior

Decorridos 52 anos e alguns meses após o golpe de 31 de março de 1964, o Brasil assiste à finalização de outro golpe, novamente no dia 31, dessa vez de agosto. Agosto, mês nefasto, em que coincidiram algumas tragédias políticas no país, agora é potencializado pela data também politicamente maldita, o 31.

Como tudo correu muito bem para os golpistas, e a sorte lhes sorriu com todas as cumplicidades da mídia, dos empresários e do judiciário, e lhes deu a vitória, uma vitória expressiva, acima das expectativas – reeditando o que ocorreu na Câmara –, o caminho está traçado não para uma simples mudança, mas para reinaugurar um novo velho Brasil.

Como disse uma vez Millor, "o Brasil tem um longo passado pela frente".

Esse Brasil velho, arcaico, volta feroz, disfarçado de pós-moderno, com as redes sociais e as piadas racistas de Danilo Gentili. Com a pirâmide da FIESP iluminada de verde e amarelo, e o pato roubado do artista holandês Florentijn Hofman.

Esse será o novo cripto-pós-moderno maravilhoso mundo de Danilo Gentili, que como diz em seu site é "um publicitário, humorista, escritor, cartunista, repórter brasileiro e empresário. Faz parte da nova geração de humor, a da stand-up comedy." Um homem universal, como se dizia no renascimento, uma espécie de Leonardo Da Vinci, só que da escória, que agora estará no país dos seus sonhos, feliz como pinto no lixo. Mas por falar em pós-moderno, um dos seus índices mais ostensivos é a proliferação das redes sociais que, em especial no Brasil, ganha a forma da esmagadora presença do Facebook. Gentili tem 12.619.753 curtidas no seu site.

Outro que já mostra números astronômicos no Facebook, é Jair Bolsonaro, que tinha 2.492.562 curtidas em 13 de março e hoje já conta com 3.321.738. Nada mau, não?

Embora estejamos esquecendo um tema que já esteve mais presente, o fato é que o golpe tem como um dos seus vértices a bancada BBB, da bíblia, do boi e da bala. Serão essas forças que passarão a dominar (em nome da FIESP, dos bancos, do agronegócio) no caso do êxito do golpe hoje. Uma vasta cultura do extermínio haverá que tomar conta do país.

E, para isso, a destruição do estado de direito, da cultura jurídica e da Constituição – assuntos que ganharam o primeiro plano em março, com a condução forçada de Lula, mas que foram passando para o segundo plano nos meses seguintes – será fundamental. Como mostramos, e muitos outros o fizeram também, a gestão de Alexandre de Moraes à frente do ministério da Justiça representa a entronização do estado policial.

Como esse estado reagirá no caso de protestos de rua com grandes massas pedindo o fim do governo Temer? Do mesmo modo, violento e bárbaro, que o estado de São Paulo reagiu contra os estudantes nas ocupações, sob o comando do mesmo Alexandre de Moraes. Só que com uma diferença de escala e, portanto, também uma diferença do número de vítimas.

Estas ações, contudo, dificilmente encontrarão, depois de todos esses meses em que o STF jogou em consonância com os interesses do golpe – por exemplo, dando a Cunha meses e meses antes de afastá-lo da direção da Câmara, possibilitando que fosse ele o arquiteto do impeachment –, um Judiciário capaz de fazer frente ao arbítrio e à truculência. Ao contrário, terá nele o seu maior aliado.

Tendo sido desmontadas as estruturas do estado que pudessem, minimamente, invocar os direitos humanos, desfeito o estado de direito, garantida a cumplicidade do Judiciário, com um Ministério Público alinhado, ficará aberta a porta para as repressões em grande escala. Por quê, por exemplo, não fazer como se fez com os "terroristas" presos por "planejarem um ataque" quando estudantes organizaram protestos contra o governo Temer? Por quê não levar os líderes, mantendo-os incomunicáveis, para penitenciárias no interior do país, onde até o acesso dos advogados se veja bastante dificultado?

E os movimentos sociais? A reversão das políticas sociais previsivelmente abrirá confrontos severos com a repressão, armada até os dentes, e manifestantes, devendo ultrapassar em violência o que vimos na desocupação de Pinheirinho, em 2012, e na repressão aos professores pela polícia do governador Beto Richa, em 2015.

Será preciso ampliar o já existente e "eficaz" cinturão de aço e chumbo, em que o chicote da repressão ricocheteia 24 horas por dias contra as periferias, para disciplinar os potenciais rebeldes pelo pavor. "O Brasil", se dirá, "precisa de tranquilidade e de paz para trabalhar e crescer". De fato.

Ontem uma matéria do UOL, com dados levantados pela revista "Forbes Brasil", noticiava o aumento do número de bilionários no Brasil:

Mesmo com a crise econômica, o número de brasileiros com mais de R\$ 1 bilhão subiu de 160, em 2015, para 165 neste ano, de acordo com o ranking de bilionários da revista "Forbes Brasil".

A matéria recebeu o título Apesar da crise, aumenta o número de brasileiros em ranking de bilionários. Esse título é incorreto porque muito provavelmente não foi "apesar" da crise, mas "por causa" da crise, que o processo de concentração de renda avançou vorazmente no país.

Em todas as análises dignas de crédito, se reafirma a convicção de que o sucesso do golpe, o fato de ter soldado tão firmemente as elites econômicas do país, à despeito dos interesses conflitantes que normalmente as separam, deve ser posto na conta de um desejo de reinserir o país dentro da globalização, processo que foi em parte sustado com o advento do primeiro governo Lula.

O cientista político Wanderley Guilherme dos Santos tem sido a voz mais lúcida e constante nesse diagnóstico.

Mas o que significará o recrudescimento da concentração selvagem de renda em um país em que a favelização, a miséria, a violência, avançam aceleradamente, ao ponto de hoje o homicídio por motivos banais já ser uma febre na própria classe média? Significaria que chegaremos ao paroxismo de insegurança nas grandes cidades, que levará à saída de sempre, o reforço do combate à violência com o uso da violência policial.

Mas, se todas as estatísticas apontam que a nossa violência policial já ocupa os primeiros lugares no ranking mundial, onde vamos chegar?

A convergência da violência repressiva política com a violência policial contra as periferias, será a parteira do Brasil do futuro, do maravilhoso mundo dos Gentilis e Bolsonaros. Esse é o verdadeiro conjunto da obra que devemos vislumbrar desde agora.

*Doutor em filosofia, UFRJ, autor dos livros "Lógica do disparate", "Método e delírio" e "Lógica dos fantasmas". É professor do departamento de comunicação social da UFES

<http://www.carosamigos.com.br/index.php/artigos-e-debates/7742-brasil-regredir-52-anos-em-5-minutos-o-que-nos-aguarda>

Lula Articula Frente Ampla de Oposição a Temer

Com a efetivação do impeachment, o PT propõe aos aliados a formação de um bloco de resistência ao governo Michel Temer. O ex-presidente Lula reativou assim a articulação de uma frente ampla de esquerda.

O PT reacende, agora, o debate sobre a criação de uma frente inspirada no modelo do Uruguai com vistas a 2018: uma grande coalização que reúna, além de partidos, sindicatos, associações, movimentos de esquerda, intelectuais e artistas em torno de um programa.

Nesta quarta-feira (31), enquanto acompanhava a votação do impeachment ao lado de Dilma Rousseff, no Palácio da Alvorada, Lula sugeriu a Carlos Lupi, presidente nacional do PDT, a composição de bloco de oposição no Congresso, oferecendo aos pedetistas a liderança da minoria. Segundo Lupi, Lula não descarta o lançamento de um candidato fora do PT para a Presidência, entre eles o ex-ministro Ciro Gomes (PDT).

"Ele diz que Ciro é o mais preparado, o problema é o temperamento", disse o pedetista.

No modelo da frente, os partidos perdem o protagonismo e as candidaturas passam a ser lançadas em nome da coalização.

Lula conversou com a cúpula do PCdoB em defesa da proposta e sugeriu aos aliados uma reunião conjunta, que deve acontecer depois do feriado de 7 de Setembro.

Segundo o deputado federal Orlando Silva (PCdoB-SP), "Lula aposta nesta frente". O deputado frisa que não deve haver "hegemonia" entre os partidos. "Não pode ter força principal, nem acessória."

"É uma grande saída para a resistência", diz Luciana Santos, presidente nacional do PCdoB, numa alusão à frente.

Disposto a se credenciar para a disputa e ganhar a confiança do PT, Ciro se reuniu com o ex-governador Tarso Genro, um dos entusiastas da frente. Na avaliação do petista, ele e o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, "são duas lideranças que terão um papel importante no futuro do país".

"Quero estar junto com eles numa nova frente política, democrática e republicana, com toda a esquerda pensante, num período próximo, em direção a 2018", afirma Genro.

<http://www.brasil247.com/pt/247/poder/252858/Lula-articula-frente-ampla-de-oposicao-C3%A7%C3%A3o-a-Temer.htm>



**FRENTE BRASIL
POPULAR**

Companheira Presidenta
Dilma Rousseff

Primeiramente, como dizem as ruas, fora Temer!

A maioria dos senadores brasileiros dobrou-se à fraude e à mentira, aprovando um golpe parlamentar contra a Constituição, a soberania popular e a classe trabalhadora.

As forças reacionárias, ao interromper vosso legítimo mandato, impuseram um governo usurpador, que não esconde seu perfil misógino e racista.

Atropelaram o resultado eleitoral, condenaram uma mulher inocente e sacramentaram o mais grave retrocesso político desde o golpe militar de 1964.

Esta ruptura da ordem democrática materializa os propósitos antipatrióticos e antipopulares das elites econômicas, empenhadas em privatizar o pré-sal, as companhias estatais e os bancos públicos, além de vender nossas terras para estrangeiros, comprometendo a produção nacional de alimentos e o controle sobre as águas.

Os golpistas querem, entre outras medidas, reduzir investimentos em saúde, educação e moradia, eliminar direitos trabalhistas, acabar com a vinculação da aposentadoria básica ao salário mínimo, enterrar a reforma agrária e esvaziar programas sociais.

A agenda dos usurpadores rasga as garantias da Constituição de 1988 e afronta as conquistas obtidas durante os governos do presidente Lula e o da companheira, com o claro intuito de favorecer os interesses das oligarquias financeiras, industriais, agrárias e midiáticas, aumentando seus lucros em detrimento dos trabalhadores e das camadas médias.

Durante os últimos meses, ao lado da companheira, resistimos contra o golpe institucional por todo o país. Milhões de brasileiros e brasileiras participaram de manifestações e protestos, em esforço unitário para defender a democracia, os direitos populares, a soberania nacional e o resultado das urnas.

A voz da companheira, em discurso de 29 de agosto frente a seus julgadores, nos representa. Ali se fez ouvir, com dignidade e audácia, a verdade sobre o golpe em curso, sua natureza de classe e sua ameaça ao futuro da nação, pois os usurpadores não escondem sua submissão aos centros imperialistas e buscam destruir a política externa independente construída a partir de 2003.

Hoje a resistência apenas começa. Nas ruas e nas instituições. Nos locais de estudo, trabalho e moradia. Mais cedo do que pensam os usurpadores, o povo brasileiro será capaz de rechaçar seus planos e retomar o caminho das grandes mudanças.

Nossa luta contra o governo golpista e seu programa para retirada de conquistas será implacável. Buscaremos a unidade e a mobilização das mais amplas forças populares, combatendo sem cessar, até derrotarmos a coalizão antidemocrática que rompeu com o Estado de Direito.

Estamos certos de que a companheira continuará a inspirar e protagonizar a resistência contra o golpismo.

Do mesmo lado da trincheira e da história, lutaremos até a vitória de um Brasil democrático, justo e soberano.

Brasília, 31 de agosto de 2016

Frente Brasil Popular

**Mario Benedetti: Não te rendas!**

O poema Não te rendas, do poeta uruguaio Mario Benedetti, é umas das peças literárias mais lindas da poesia Latino Americana:

Não te rendas, ainda é tempo
De se ter objetivos e começar de novo,
Aceitar tuas sombras,...
Enterrar teus medos
Soltar o lastro,
Retomar o voo.

Não te rendas que a vida é isso,
Continuar a viagem,
Perseguir teus sonhos,
Destruir o tempo,
Correr os escombros

Não te rendas, por favor, não cedas,
Ainda que o frio queime,
Ainda que o medo morda,
Ainda que o sol se esconda,
E o vento se cale,
Ainda existe fogo na tua alma.
Ainda existe vida nos teus sonhos.

Mario Benedetti nasceu em Paso de los Toros, a 200 quilômetros ao norte de Montevidéu, em 14 de setembro de 1920. Sua família mudou-se para Montevidéu em busca de uma vida melhor. O pai, farmacêutico, perdera tudo o que possuía.

<http://www.xapuri.info/cultura/literatura/mario-benedetti-nao-te-rendas/>

Bancários de todo o país rejeitam proposta dos bancos e aprovam greve nacional a partir do dia 6

Agora é preciso intensificar a mobilização em todos os locais de trabalho e garantir uma forte paralisação para forçar os bancos a apresentarem proposta satisfatória



Os bancários de dez das 12 bases sindicais representadas pela Federação Centro Norte (Fetec-CUT/CN), a exemplo do país inteiro, rejeitaram nas assembleias desta quinta-feira 1º de setembro a proposta da Fenaban de 6,5% de reajuste (2,8% abaixo da inflação) mais abono, ignorando as reivindicações sociais, e aprovaram a greve por tempo indeterminado a partir do dia 6 de setembro. Novas assembleias foram marcadas para a segunda-feira 5 para organizar a paralisação.

Fizeram assembleias e aprovaram a greve os bancários de Brasília, Sintraf-Ride, Pará, Mato Grosso, Acre, Rondônia, Campo Grande, Amapá, Roraima e Rondonópolis. As assembleias de Dourados e do Médio Araguaia (Sinbama) serão realizadas nesta sexta-feira 2.

Seguindo orientação do Comando Nacional e da Fetec-CUT/CN, os bancários aprovaram a realização de novas assembleias na segunda-feira 5, para avaliar eventual nova proposta da Fenaban ou organizar a greve do dia seguinte se persistir a intransigência patronal.

“Os banqueiros provocaram a categoria com uma proposta indecente, que não apenas quebra a política de aumentos reais como fica abaixo da inflação e introduz a armadilha traiçoeira do abono salarial, que não se incorpora ao salário e nem nas férias, 13º e aposentadoria. E ainda desprezaram nossas reivindicações por mais saúde e melhores condições de trabalho, proteção ao emprego, segurança e igualdade de oportunidades”, afirma José Avelino, presidente da Fetec-CUT/CN, que integra o Comando Nacional dos Bancários.

“Os bancários deram sua resposta a essa proposição que representa um retrocesso em relação às campanhas dos anos anteriores, aprovando a greve nacional por tempo indeterminado. Agora vamos intensificar a mobilização em todos os locais de trabalho e garantir uma forte paralisação para forçar os bancos, que continuam tendo lucros astronômicos, a apresentarem proposta que atenda as expectativas dos bancários por aumento real de salário”, acrescenta Avelino.

Compare as diferenças entre o que os bancários reivindicam e o que os bancos propõem

	Reivindicação dos bancários	Proposta da Fenaban
Reajuste	14,78% (aumento real de 5%)	6,5% (perda de 2,80% em relação à inflação estimada de 9,57%) mais abono de R\$ 3.000,00 em única parcela
Piso portaria	R\$ 3.940,24 (equivalente ao salário mínimo do Dieese)	1.467,17 (incidência dos 6,5% aos valores atuais)
Piso escritório	R\$ 3.940,24	R\$ 2.104,55
Piso caixa	R\$ 5.319,32	R\$ 2.842,96 (salário mais gratificação mais outras verbas de caixa)
Primeiro comissionado	R\$ 6.698,41	Bancos se negam a discutir
Primeiro gerente e técnico de TI	R\$ 8.865,54	Bancos se negam a discutir
PLR	3 salários mais R\$ 8.317,90 fixos para todos	PLR regra básica: 90% do salário mais R\$ 2.153,21, limitado a R\$ 11.550,90. Se o total ficar abaixo de 5% do lucro líquido, salta para 2,2 salários, com teto de R\$ 25.411,97. PLR parcela adicional: 2,2% do lucro líquido dividido linearmente para todos, limitado a R\$ 4.306,41.
14º salário	Um salário integral	Nada
Auxílio-refeição	R\$ 880,00 (ou 23 tickets de R\$ 38,26)	R\$ 694,54 (ou 22 tickets de R\$ 31,57)
Auxílio-cesta alimentação	R\$ 880,00	R\$ 523,48
13ª cesta-alimentação	R\$ 880,00	R\$ 524,48
Auxílio-creche/babá (filhos até 71 meses)	R\$ 880,00	R\$ 420,36
Auxílio-creche/babá (filhos até 83 meses)	R\$ 880,00	R\$ 359,61
Gratificação de compensador de cheques	R\$ 880,00	R\$ 163,35
Requalificação profissional	Bancos devem garantir permanente qualificação profissional, criando programas para o incentivo ao curso superior e de idiomas, inclusive para obtenção da certificação da Abilima. Cursos solicitados pelo banco devem ser ressarcidos integralmente. Cursos profissionalizantes devem ser reembolsados até o valor de 2 salários de ingresso de escriturário.	R\$ 1.437,43
Auxílio-funeral	R\$ 7.489,40	R\$ 964,50
Ajuda deslocamento retorno	Ressarcimento de todas as despesas efetuadas com o deslocamento.	R\$ 100,67
Auxílio-educação	Pagamento para graduação e pós-graduação.	Bancos se recusam a discutir
Plano de Cargos e Salários	PCS em todos os bancos, que prevê, entre outras coisas, reajuste anual de 1% do salário a cada ano completo de serviço e transparência nas promoções	Bancos se recusam a discutir
Emprego	Fim das demissões, mais contratações, fim da rotatividade e combate às terceirizações diante dos riscos de aprovação do PLC 30/15 no Senado Federal, além da ratificação da Convenção 158 da OIT, que coíbe dispensas imotivadas	Bancos se recusam a discutir
Saúde e condições de trabalho	Fim das metas abusivas e do assédio moral, que adoecem os bancários	Fenaban não quer discutir. Diz que é política de cada banco
Prevenção contra assaltos e sequestros	Permanência de dois vigilantes por andar nas agências e pontos de serviços bancários, conforme legislação. Instalação de portas giratórias com detector de metais na entrada das áreas de autoatendimento e biombos nos caixas. Abertura e fechamento remoto das agências, fim da guarda das chaves por funcionários	Bancos se negam a discutir.
Igualdade de oportunidades	Fim das discriminações nos salários e na ascensão profissional de mulheres, negros, gays, lésbicas, transexuais e pessoas com deficiência (PCDs)	Bancos negam que haja discriminações e alegam que as diferenças salariais referem-se apenas à questão de mérito

<http://www.feteccn.com.br/noticia/bancarios-de-todo-o-pais-rejeitam-proposta-dos-bancos-e-aprovam-greve-nacional-a-partir-do-dia-6/>

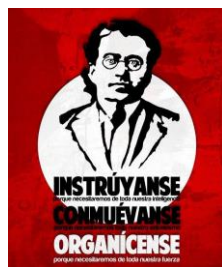
Febraban se diz disposta a contribuir com governo Temer

A Federação Brasileira de Bancos (Febraban) desejou ao recém-empossado presidente Michel Temer “uma administração exitosa pelo bem do Brasil”, em nota enviada pela diretoria de comunicação da entidade.

A Febraban informou que, concluída a cassação do mandato da ex-presidente Dilma Rousseff, “reitera sua disposição de colaborar com o governo nas ações que se fizerem necessárias para a estabilidade macroeconômica e a retomada do crescimento da economia.”

“A Febraban segue disposta a contribuir para o fortalecimento do sistema bancário brasileiro e para o desenvolvimento sustentável do País, e compartilha, com o governo, o objetivo de restabelecer a confiança dos agentes econômicos, essencial para a recuperação da atividade e do emprego.”

<http://www.valor.com.br/politica/4694777/febraban-se-diz-disposta-contribuir-com-governo-temer>

**Roberto Ponciano e a importância do marxismo para entender o golpe**

Roberto Ponciano, escritor, filósofo, sindicalista e teórico em marxismo, lançou um curso de marxismo online. O Cafezinho o entrevistou para saber porque o marxismo pode ajudar a entender o golpe. A entrevista foi realizada semana passada, sexta-feira pela manhã, no café da livraria da Travessa, no centro do Rio.

Assista no link <http://www.ocafezinho.com/2016/08/29/roberto-ponciano-e-a-importancia-do-marxismo-para-entender-o-golpe/>

Para saber mais sobre o curso e assistir aula demonstrativa, acesse o link <http://www.ocafezinho.com/2016/08/17/tome-o-saber-faca-um-curso-online-completo-de-marxismo/>

<http://www.ocafezinho.com/2016/08/29/roberto-ponciano-e-a-importancia-do-marxismo-para-entender-o-golpe/>



Crise propicia ofensiva para flexibilizar direitos
Boletim de conjuntura do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) aponta que o elevado desemprego e recessão econômica aumentam risco de regressão na regulação trabalhista ao propiciar crescimento da ofensiva patronal e governamental para flexibilizar direitos. Os trabalhadores, que sofrem com o desemprego, também sofrem com a inflação e o baixo poder de compra dos salários.

O Boletim aponta que especialmente as famílias de menor renda sofrem com o aumento da inflação, citando pesquisa do Índice de Custo de Vida (ICV) para o município de São Paulo. A pesquisa divide a população em três estratos: o estrato 1 corresponde a famílias de renda média de R\$ 377,49; o estrato 2 contempla famílias de renda média de R\$ 934,17 e o terceiro estrato reúne famílias com renda média de R\$ 2.792,90. Mostra-se que o ICV acumula alta de 8,25% entre agosto de 2015 e julho de 2016, sendo de 9% para o estrato 1; 8,71% para o 2; e 7,85% para o 3.

O Dieese também estima mensalmente o valor do Salário Mínimo Necessário para a manutenção de uma família de quatro pessoas. Em julho de 2016, ele deveria equivaler a R\$ 3.992,75, ou 4,54 vezes o salário mínimo nacional em vigor, de R\$ 880,00.

Aponta-se que é necessário um projeto nacional que retome e transforme o crescimento econômico em efetivo desenvolvimento, enfrentando fatores estruturais da economia brasileira e preservando a renda e o emprego. Assim, a crise amplia o desafio colocado para o movimento sindical: formular uma saída.

Para ler mais: Boletim de Conjuntura 8 – Agosto 2016 – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese)

**Balanco das negociações dos reajustes salariais**

O DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, através do Sistema de Acompanhamento de Salários (SAS-DIEESE), apresenta o balanço das negociações dos reajustes salariais do primeiro semestre de 2016. Neste estudo, foram analisados os reajustes de 304 unidades de negociação dos setores da Indústria, do Comércio e dos Serviços em todo o território nacional.

Em linhas gerais, os dados confirmam o momento adverso pelo qual passam as negociações coletivas brasileiras. Pouco menos de um quarto dos reajustes – cerca de 24% - resultaram em alimentos reais de salários, 37% tiveram reajustes em valores igual à inflação e 39%, reajustes abaixo, tomando por referência a variação INPC-IBGE em cada data-base..

Em função deste quadro, a variação real média dos reajustes no primeiro semestre foi negativa: 0,50% abaixo da inflação. Trata-se do pior desempenho das negociações por reajustes salariais de primeiro semestre desde 2003.

<http://www.dieese.org.br/balancodosreajustes/2016/estPesq81balancoReajustes1semestre2016.pdf>



Agende-se



3ª Jornada de Debates do Setor Público

O DIEESE e as Centrais Sindicais iniciam, em **14 de setembro**, as etapas da *3ª Jornada de Debates do Setor Público*.

Brasília:

14 de setembro, às 14h30, no auditório do Sindicato Nacional dos Funcionários do Banco Central (Sinal).
Os dirigentes que quiserem participar da atividade devem se inscrever até 13 de setembro.
Pelo e-mail erdf@dieese.org.br; ou
Pelo telefone (61) 3345-8855,

Goiânia:

15 de setembro, às 14h00, na Assembleia Legislativa de Goiás.
Os dirigentes sindicais devem se inscrever, até 14 de setembro.
Pelo e-mail ergo@dieese.org.br, ou
Pelo telefone (62) 3223-6088

Cursos de extensão da Escola DIEESE

Dois novos cursos de extensão da Escola DIEESE de Ciências do Trabalho

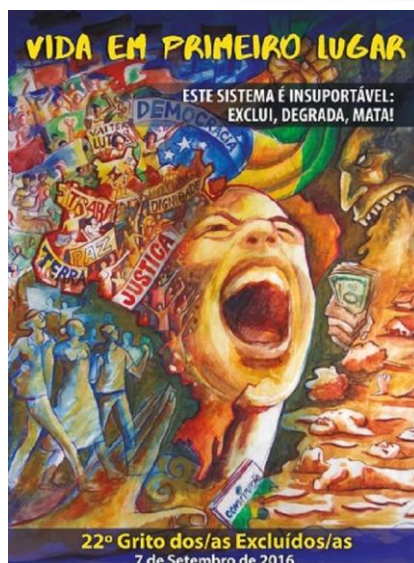
Relações Raciais no Brasil: abordará questões que fundamentam as relações entre negros e não negros no Brasil, constituídas a partir da escravidão e dos impactos seculares sobre a formação da sociedade, religião, cultura e economia do país. A primeira aula será em 3 de setembro

Filosofia e Psicanálise: *Resgatando o conceito de trabalho* pretende mostrar a existência viva do conceito de trabalho, usando textos filosóficos e tratando das implicações do trabalho concreto e singular na constituição e no desenvolvimento do psiquismo.

Os dois cursos são presenciais e cada um terá cinco encontros. As aulas serão realizadas aos sábados pela manhã, na Escola DIEESE, no Centro de São Paulo.

Mais informações, no site da Escola DIEESE, pelo e-mail contatoescola@dieese.org.br ou pelos telefones (11) 3821-2155 ou 3821-2150.

Inscrições: <http://sagu.dieese.org.br/inscricao>



BOLETIM inFORMATIVO

TUXAUA
SECRETARIA DE FORMAÇÃO

EXECUTIVA

José Avelino Barreto Neto
Presidente

Sérgio Luiz Campos Trindade
Vice-presidente

Marly Terezinha Ferreira
Secretaria Geral

Cleiton dos Santos Silva
Secretário de Administração e Finanças

Juliano Rodrigues Braga
Secretário de Assuntos Jurídicos

Sonia Maria Rocha
Secretária Org. do Ramo Financeiro

Jacy Afonso de Melo
Secretário de Formação Sindical

Jair Moraes Gomes
Secretário de Imprensa e Divulgação

Sebastião Tavares de Oliveira
Secretário de Relações e Políticas Sindicais

Márcio Ramos Saldanha
Secretário de Relações Institucionais

Conceição de Maria Costa
Secretária de Saúde e Condições de Trabalho

Clever Bonfim
Secretária de Política de Igualdade

Edvaldo Franco Barros
Secretário de Bancos Privados

André Matias Nepomuceno
Secretário de Bancos Públicos

Edson Azevedo dos Anjos Gomes
Secretário de Política Socioambiental

Raul Lídio Pedroso Verão
Secretário de Cooperativas de Crédito

Maria Aparecida Sousa
Secretária da Mulher

Rose Lidyane Ramos de Souza
Secretária da Juventude

Manoel Parreira Matos
Secretário de Combate ao Racismo

